



Revista Filosofia Capital
ISSN 1982 6613

Vol. 4 (2009) - Edição Especial
A Vida é Mesmo Agora!

**BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE CUIDADO E ESPIRITUALIDADE
EM EDUCAÇÃO: QUE É HUMANO? O FENÔMENO DA HUMANIZAÇÃO**

Osvaldino Marra Rodrigues
dinomarra@terra.com.br



Teresina-PI

2009



**BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE CUIDADO E ESPIRITUALIDADE
EM EDUCAÇÃO: QUE É HUMANO? O FENÔMENO DA HUMANIZAÇÃO**

Osvaldino Marra Rodrigues¹
dinomarra@terra.com.br

RESUMO: O ser humano necessita de um espaço vital humano no qual possa orientar-se em relação à vida. Existe uma forma humana muito específica de nos relacionarmos com nosso entorno, a formação espiritual. Sem essa formação espiritual estaríamos interditados à ficção. Humanizar-se é, portanto, um processo cultural e espiritual, no qual o indivíduo é inserido em uma cultura e, paulatinamente, vai sendo formado, formando-se e formando. O mais simples ato de um indivíduo humano está carregado desse processo.

Palavras-Chave: ser humano – espiritual – humanizar – cultura – cuidado.

ABSTRACT: The human being needs a space in which human life can move in relation to life. There is a very specific form human to relate to our surroundings, spiritual formation. Without that spiritual formation would be closed to fiction. Humanize it is therefore a cultural and spiritual process, in which the individual is inserted into a culture, and gradually is being formed, forming and forming. The simplest act of an individual human being is born of this process.

Keywords: human – spiritual – humane – culture – care.

A Condição Humana

Hannah Arendt, na obra “*A condição humana*”, publicada em 1958, estabelece uma importante distinção, que servirá como fio condutor desta conferência: “a condição humana não é o mesmo que a natureza humana, e a soma total das atividades e capacidades humanas que correspondem à condição humana não constituem algo que se assemelhe à natureza humana.”² A esfera da vida humana, portanto, é distinta da natureza humana: “a condição humana não é o mesmo que a natureza humana”. Tornar-se humano é estar inserido na esfera

¹ Mestrando em Ética e Epistemologia na Universidade Federal do Piauí.

² Hannah ARENDT, *A condição humana*. trad. Roberto Raposo. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, pp. 17-18.



humana, no convívio e educação entre humanos. A esse processo de “engenharia humana” podemos nomear “humanizar-se”.³

É interessante constatar em Aristóteles, por exemplo, que o substantivo *animal* precede os adjetivos, ou qualificativos, *racional* ou *político*. Antes de humanos, somos animais, pertencemos à esfera da animalidade; primeira natureza, embora só possa haver humanidade e o reconhecimento da natureza enquanto natureza, em sociedade, pois a divisão teórica, entre cultura e natureza é um conceito especificamente humano. Por conseguinte, pode-se encontrar o especificamente humano apenas em sociedades humanas, fora destas, nas palavras do estagirita, apenas inferiores ou sobre-humanos.⁴ Portanto, quem nasce de humanos *pode*, sempre sob condições, vir a tornar-se humano, num processo contínuo de humanização. Um indivíduo nascido de humanos para se reconhecer como humano precisa de outros humanos que o reconheçam como tal, a partir, inclusive, dos progenitores. Sem reciprocidade e reconhecimento, não há humano, humanidade e, muito menos, humanização. Por conseguinte, o ser humano necessita de um espaço vital humano no qual possa orientar-se em relação à vida. Nas palavras de Gerd Theissen:

O ser humano não pode existir em seu entorno tal como o encontra; tem que modificá-lo. O faz, de um lado, mediante o trabalho e a técnica e, de outro, mediante a interpretação. A interpretação do mundo se efetua mediante sistemas hermenêuticos: na vida cotidiana, mediante o “common sense”; nas áreas especializadas da vida, mediante a ciência, a arte e a religião. Mediante o trabalho e a interpretação, o ser humano faz do mundo uma pátria habitável. A transformação do mundo mediante a interpretação não se produz por intervenções causais na natureza, como o fazem o trabalho e a técnica, senão por “signos”, quer dizer, mediante elementos naturais que geram como signos, relações semióticas com o “designado”. Tais signos e sistemas de signos não modificam a realidade designada, senão nossa conduta cognitiva, emocional e pragmática com ela: dirigem a atenção, organiza as impressões em contextos e as juntam às ações. Somente podemos viver e respirar no mundo assim interpretado.⁵

Ou seja, existe uma forma humana muito específica de nos relacionarmos com nosso entorno, precisamos de marcos no caminho que nos indique a direção e, conseqüentemente, nos situarmos na vida. Essa relação semiótica com o mundo é uma característica de todos os seres vivos, mas possui uma dimensão acentuada entre seres humanos, pois esses marcos têm uma característica bastante específica para a condição humana; e a esse fenômeno podemos designar espiritualidade. Se, porventura, houvesse um indivíduo que não fosse reconhecido

³ cf. Osvaldino Marra RODRIGUES, Sandra Vidal NOGUEIRA, “Bosquejo sobre educação corporativa” in: *Revista Diálogo*, Canoas, n. 7, 2005, pp. 18-23.

⁴ Aristóteles, *Política*, I, 1, 1253a, 4-5.

⁵ Gerd THEISSEN, *La religión de los primeros cristianos*. Salamanca: Sígueme, 2002, p.16.



como humano não se sentiria humano. Pois, onde está o humano onde não há humanos? Eis a questão! É novamente em Aristóteles que encontramos uma caracterização antropológica bastante aguda acerca do ser humano:

A razão pela qual o homem, mais do que uma abelha ou um animal gregário, é um ser vivo político em sentido pleno, é óbvia ... só o homem, dentre todos os seres vivos, possui a palavra. Assim, enquanto a voz indica prazer ou sofrimento, e nesse sentido é também atributo de outros animais (cuja natureza também atinge sensações de dor e de prazer e é capaz de as indicar), o discurso, por outro lado, serve para tornar claro o útil e o prejudicial e, por conseguinte, o justo e o injusto. É que perante os outros seres vivos, o homem tem as suas peculiaridades: só ele sente o bem e o mal, o justo e o injusto e de outras [noções desse gênero]; é a possessão comum desses sentimentos que produz a família e a sociedade.⁶

A Força Exercida pela Formação da Condição Humana

A literatura fornece uma ficção exemplar sobre a força exercida pela formação da condição humana, *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, obra publicada em 1719 e fonte inspiradora de Rousseau na formulação de *Emílio* ou da Educação,⁷ constitui uma reflexão interessante acerca do processo de humanização, que é, em última instância, processo espiritual.

A referida obra é exemplar a partir de dois ângulos distintos: de um lado, é uma narrativa cuja exegese, ou compreensão do texto, pressupõe que estejamos inseridos numa tradição espiritual humana; pressupõe, ainda, uma formação espiritual letrada para ser compreendida; de outro, a estória de um naufrago que permaneceu 28 anos isolado do seu espaço geográfico, mas não da cultura adquirida, e sobreviveu a partir de sua condição humana específica, ou seja, a partir da herança espiritual recebida.

Portanto, Defoe escreveu para humanos uma ficção que somente pode ser compreendida entre humanos. A experiência e fruição literária pressupõem, portanto, o conhecimento de códigos especificamente humanos e humanos que o decodifiquem.

Sem essa formação espiritual estaríamos interditados à ficção, pois um livro “dado” à natureza transformar-se-ia, apenas, em adubo orgânico ou alimento para roedores; contudo, um livro ofertado a um humano é um alimento, mas alimento espiritual, uma fruição que somente o ser humano é capaz de experimentar, é uma experiência de valor, e “a experiência

⁶ Aristóteles, *Política*, I, 2, 1253a.

⁷ cf. Jean-Jacques ROUSSEAU, *Oeuvres complètes IV: Émile ou de l'éducation*. Paris: Pléiade, 1969, pp. 454-455.



do valor implica um tipo de participação de todo singular: o homem é atraído ao campo da influência do valor de maneira distinta de como experimenta a atração do conhecimento do ser ou da luta pela realidade. O valor toca algo muito íntimo no homem.”⁸ A participação numa obra é capaz de provocar substanciais mudanças no indivíduo, que comunga, participa na obra de uma maneira completamente estranha à natureza, pois somente os seres humanos possuem “um *ser-para-si* e um *ser íntimo*, nos quais eles se tornam íntimos de si mesmos.”⁹

Humanizar-se é, portanto, um processo cultural e espiritual, no qual o indivíduo é inserido em uma cultura e, paulatinamente, vai sendo formado, formando-se e formando. O mais simples ato de um indivíduo humano está carregado desse processo. Uma cultura significa, pois, referenciais norteadores de vida, um processo de espiritualização do ser humano. Portanto, a “experiência-base é o sentimento. Não é o *cogito, ergo sum* (penso, logo existo), mas o *sentio, ergo sum* (sinto, logo existo), não é o *Logos*, mas o *Pathos*, a capacidade de ser afetado e de afetar, é a afetividade. Este é o *Lebnswelt* concreto e primário do ser humano. A existência jamais é pura existência; é uma existência sentida e afetada pela alegria ou a tristeza, pela esperança ou pela angústia, pelo empenho, pelo arrependimento, pela bondade.”¹⁰

Não há regras, normas, religião etc., onde não vivem humanos, sequer podemos saber o que se encontra em um hipotético lugar desses, pois,

[...] nem mesmo com referência às mais insignificantes coisas da vida somos nós um todo materialmente constituído, idêntico para toda a gente e de que cada qual não tem mais do que tomar conhecimento, como se se tratasse de um livro de contas ou de um testamento; nossa personalidade social é uma criação do pensamento alheio. Até o ato tão simples a que chamamos “ver uma pessoa conhecida” é em parte um ato intelectual. Enchemos a aparência física do ser que estamos vendo com todas as noções que temos a seu respeito; e, para o aspecto total que dele nos representamos, certamente contribuem essas noções com a maior parte. Acabam elas por arredondar tão perfeitamente as faces, por seguir com tão perfeita aderência a linha do nariz, vêm de tal modo nuançar a sonoridade da voz, como se esta não fosse mais que um transparente invólucro, que, a cada vez que vemos aquele rosto e ouvimos aquela voz, são essas noções o que olhamos e escutamos.¹¹

⁸ Romano GUARDINI, *Ética*. Barcelona: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001, p.87

⁹ Max SCHELER, *A posição do homem no cosmos*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.8.

¹⁰ Leonardo BOFF, *São Francisco de Assis: ternura e vigor – uma leitura a partir dos pobres*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p.24.

¹¹ Marcel PROUST. *Em busca do tempo perdido: No caminho de Swann*. Trad. Mário Quintana. 23 ed. São Paulo: Globo, 2004, p.24.



A Vida Humana e o Antropomorfismo

Jorge Luis Borges, pensador e poeta argentino, numa palestra, “Pensamento e Poesia”, escreveu: “la lengua nos es, como el diccionario nos sugiere, un invento de académicos y filólogos. Antes bien, há sido desarrollada a través del tiempo, a través de mucho tiempo, por campesinos, pescadores, cazadores y caballeros. No surge de las bibliotecas, sino de los campos, del mar, de los rios, de la noche, del alba.”¹² Nossa linguagem está carregada dessa herança imemorial. E não é diferente quando nos referimos a nós mesmos. Nossa compreensão do fenômeno da vida humana está entremeada de antropomorfismos. Nas palavras de Merleau Ponty,

O significado humano é dado antes dos pretensos signos sensíveis. Um rosto é um centro de expressão humana, o invólucro transparente das atitudes e dos desejos do outro, o lugar do aparecimento, o ponto de apoio quase imaterial de uma multiplicidade de intenções. Decorre daí que nos parece impossível tratar como uma coisa um rosto ou um corpo, mesmo morto. São entidades sagradas, não “dados da visão”.¹³

Talvez o mais conhecido seja aquele relacionado à nossa própria origem. Uma criança é uma semente, mas uma semente se nutre do chão na qual foi plantada; dependendo da qualidade do solo pode ou não tornar-se a árvore desejada. A palavra esperma significa, em grego, semente. O homem planta uma semente no útero de uma mulher, que é o solo no qual essa semente irá germinar e vir à luz. Essa a mentalidade metafórica, presente ainda hoje entre nós. Falamos, inclusive, em árvore genealógica, de onde provieram as sementes que nos constituíram.

Considerações Finais

No mundo medieval, acreditava-se numa medida, numa verdade anterior à própria existência humana. A educação adequada deveria ser o adequamento do indivíduo a essa verdade, essa a lógica pedagógica. Sob certo sentido, tinha-se em mente uma espécie de aluno exemplar, ou modelo. Foi Jesus quem disse: conheceréis a árvore pelos seus frutos.¹⁴

Stuart Mill, no livro “On Liberty”, escreveu: “A natureza humana não é uma máquina a ser construída segundo o modelo, e destinada a realizar a tarefa a ele prescrita, e sim uma árvore que necessita crescer e desenvolver-se de todos os lados, na conformidade da

¹² Jorge Luis BORGES, *Arte poética*. Barcelona: Crítica, 2001, p.101.

¹³ Maurice MERLEAU-PONTY, *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.260.

¹⁴ Mateus 7,17.



tendência das forças internas que a tornam uma coisa viva.”¹⁵

Conforme Edith Stein,

Quando vemos uma planta ou animal que estão “atrofiados”, quer dizer, nos quais não se desenvolveram suas capacidades específicas, responsabilizamos as condições vitais desfavoráveis, ou, ainda, à pessoa que os colocou em condições inadequadas. No caso do ser humano também levamos em conta fatores do tipo mencionado, porém, fazemos responsável o ser humano mesmo daquilo que chegou a ser, ou daquilo que não chegou a ser.¹⁶

Por isso, aqui, me expresso nessa herança ancestral.

Expressamo-nos por metáforas ancestrais e estas ainda permeiam a compreensão que temos da educação. Dentre muitas uma, em especial, se destaca, a metáfora da árvore.

Escreveu Santo Agostinho: “quem será tão estultamente curioso que mande o seu filho à escola, para que ele aprenda o que o professor pensa?”¹⁷

Conforme Descartes, numa carta escrita a Henri Morus, datada em 05 de fevereiro de 1649: “Bien que notre esprit ne soit la mesure ni des choses, ni de la vérité, il doit assurément être la mesure de ce que nous affirmons ou nions.”¹⁸

Subjetividade e objetividade: individualidade e história. Esta tende a determinação, aquela, à liberdade. Ambas, a realidade humana. É nessa relação dialética que a vida humana se constrói. Utilizando uma expressão “escolástico-aristotélica”: *potencialmente* o animal mamífero, bípede implume, e racional, *pode* tornar-se humano.

¹⁵ Jonh Stuart MILL, *Sobre a liberdade*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 101; ingl., p.295a.

¹⁶ Edith STEIN, *La estructura de la persona humana*. Madrid: BAC, 2003, p.94.

¹⁷ Santo AGOSTINHO, *O mestre*. São Paulo: Landy, 2002, p.109.

¹⁸ René DESCARTES, *Oeuvres et lettres*. Org. André Bridoux. Paris: Pléiade, 1953, p.1317: “Ainda que nosso espírito não seja a medida das coisas, nem da verdade, ele deve certamente ser a medida do que afirmamos ou negamos.”



REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **O mestre**. São Paulo: Landy, 2002.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis: ternura e vigor – uma leitura a partir dos pobres**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BORGES, Jorge Luis. **Arte poética**. Barcelona: Crítica, 2001.
- DESCARTES, René. **Oeuvres et lettres**. Org. André Bridoux. Paris: Pléiade, 1953.
- GUARDINI, Romano. **Ética**. Barcelona: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.
- GOGH, Vincent van. **Worn Out** - 1882. Disponível em: www.vangoghmuseum.com/. Acesso em: 14/12/2008. (Imagem – Marca D'água).
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MILL, Jonh Stuart. **Sobre a liberdade**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: No caminho de Swann**. 23 ed. São Paulo: Globo, 2004.
- RODRIGUES, Osvaldino Marra, NOGUEIRA, Sandra Vidal. **Bosquejo sobre educação corporativa**. in: Revista Diálogo, Canoas, n. 7, 2005..
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres complètes IV: Émile ou de l'éducation**. Paris: Pléiade, 1969.
- SCHELER, Max. **A posição do homem no cosmos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- STEIN, Edith. **La estructura de la persona humana**. Madrid: BAC, 2003.
- THEISSEN, Gerd. **La religión de los primeros cristianos**. Salamanca: Sígueme, 2002.